

04

INVESTIGAR EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, CONSTRUINDO UMA COMUNIDADE DIALÓGICA, RONDANDO OS ABISMOS

ANA PAULA CAETANO
ANA LUÍSA PAZ

Resumo

No contexto deste livro, iremos concentrar-nos sobre investigações no âmbito da educação artística, problematizando temas que aí têm vindo a emergir como relevantes, caracterizando e analisando as perspectivas das investigações em curso, e refletindo sobre as mediações que se pretende aprofundar, no seio de uma comunidade de investigação e formação heterogénea e que se quer interpelante. Partimos de um evento onde docentes e estudantes de um doutoramento em educação artística, conjunto entre as Universidades do Porto e Lisboa, se encontraram e debateram os seus projetos, as suas práticas de investigação, as suas inquietações, tendo ainda acolhido e dialogado com outros docentes e estudantes a investigar nessa área.

Palavras-chave: educação artística, comunidade de investigação, heterogeneidade, investigação em artes, dialógica.

Introdução ou interrogações para novas interpelações

Para onde vai a educação artística? Por onde nos leva? É a sua investigação um entrelinhamento que se aprofunda e que nos permite ver o que era denso sem ela? Quais os perigos que encerra? Quais as ambiguidades e contradições que com ela emergem? Como podem estas expandir os limites, em vez de bloquear as possibilidades?

No contexto deste livro, iremos concentrar-nos sobre investigações no âmbito da educação artística, problematizando temas que aí têm vindo a emergir como relevantes, caracterizando e analisando as perspectivas das investigações em curso, e refletindo sobre as mediações que se pretende aprofundar, no seio de uma comunidade de investigação e formação heterogénea e que se quer interpelante. Partimos de um evento onde docentes e estudantes de um doutoramento em educação artística, conjunto entre as Universidades do Porto e Lisboa, se encontraram e debateram os seus projetos, as suas práticas de investigação, as suas inquietações, tendo ainda acolhido e dialogado com outros docentes e estudantes a investigar nessa

*Hoje não sei se
a imagem de um rio que
ontem me guiou
ainda faz sentido*

*estava a correr ao lado
dele
ou nem isso
estava de fora parada
a vê-lo partir e sempre
a chegar de novo sem
nunca partir
e eu parada
a ver-me partir porque
de fora parada*

*e apeteceu-me entrar
porque não tinha
sentido o sofrimento de
o ter ali
e ficar de fora
e entrei porque se ele ali
estava era o meu rio
e não fazia sentido ficar
parada*

área. Na qualidade de duas das organizadoras desse evento, verificamos que, como o filósofo Friedrich Nietzsche se refere aos espíritos livres, também a nossa comunidade prefere “dançar mesmo à beira dos abismos” (2000, p. 231). Talvez porque só aí é possível atingir o desconforto que permite expandir os limites? Nesse sentido, convocamos a poesia de Ana Viana (2011) para acompanhar este texto, permitindo que outras vozes expandissem ainda os limites do próprio texto.

Os contextos e o corpus de dados

Temos como recorte do nosso corpus de dados as publicações de doutorandos apresentadas no encontro anual do EPRAE – *Educational Practices and Research on Arts Education* relativas a investigações no âmbito da educação artística, e as discussões que aí tiveram lugar, entre 26 e 28 de Abril de 2018.

O EPRAE teve a sua 6ª edição e foi organizado pela primeira vez no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, sendo uma iniciativa do Doutoramento de Educação Artística. Durante 3 dias tivemos a oportunidade de escutar Fernando Hernández (Universidade de Barcelona), numa conferência sobre investigação em educação artística, e de debater 12 trabalhos de investigação em curso, a maioria dos quais de estudantes do doutoramento de educação artística.

Doutoramento em Educação Artística das Universidades do Porto e de Lisboa

O Doutoramento em Educação Artística foi lançado pela Universidade do Porto em 2011, através de um acordo entre a Faculdade de Belas-Artes com a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Tornou-se um doutoramento conjunto com a Universidade de Lisboa, no ano letivo de 2016/2017, adjudicando-se então esta missão à Faculdade de Belas Artes e ao Instituto de Educação. O novo plano de estudos passa a ser regido mediante a redação do despacho n.º 13244/2015, de 5 de novembro de 2015, publicado em *Diário da República*. Desde o início do doutoramento conjunto, tem-se procurado garantir que pelo menos alguns dos eventos são pensados de raiz para o entrosamento dos corpos docentes e discentes de todas as instituições envolvidas. De acordo com as possibilidades financeiras, tem-se procurado fazer coincidir, senão noutros momentos, pelo menos aquando da vinda de investigadores estrangeiros de referência. São formas em que, tentativamente, nos temos procurado afastar dos solilóquios e colocado como uma comunidade dialógica de práticas em educação artística, em que todos aprendemos porque todos fazemos (Baldacchino, 2015).

O que foi o 6º EPRAE

Neste contexto, o EPRAE – *Encounter on Practices of Research in Arts Education* – Encontro de Práticas de Investigação em Educação Artística

realizou-se pela primeira vez em Lisboa, no Instituto de Educação, em abril de 2018. Trata-se de um encontro internacional, organizado pelo Programa de Doutoramento em Educação Artística da Universidade do Porto e da Universidade de Lisboa e pelo i2ADS – Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, que tem por objetivo, desde a sua primeira edição, em 2013, dar visibilidade pública às investigações que estão a ser realizadas por alunos de doutoramento, trazendo-as à discussão com investigadores convidados e com uma comunidade de alunos e estudantes de educação artística.

Breve incursão pelo conjunto das comunicações

Uma nota inicial para celebrar a coragem dos participantes que apresentaram as suas investigações em curso, correndo e assumindo o risco de, ao se abrirem ao debate, saírem com mais inquietações e interrogações do que aquelas com que chegaram e implicando-se na escuta dos comentários interpelantes e no diálogo.

Uma segunda nota para acentuar a diversidade de problemáticas, espelhando diversidade paradigmática, epistemológica, disciplinar, teórica, metodológica, contextual.

Apresentaram-se, no total, 15 investigadores, contando-se 9 comunicações individuais e 3 em pares. Quase todos os que apresentaram comunicação cabem na categoria de *juvens investigadores* – independentemente da idade física –, uma vez que estão envolvidos em Doutoramento de Educação Artística (11) e a frequentar este curso em Lisboa (5) ou no Porto (6). Cabem ainda nesta categoria outros dois investigadores, um que chegou a ser selecionado para o curso, mas não o pôde frequentar por falta de financiamento, e um doutorando da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Este aluno foi acompanhado pelo seu orientador, também de Psicologia. Juntamente com o orientador de uma aluna que não pôde estar presente, professor da Faculdade de Belas-Artes da mesma ULisboa, configuraram-se os únicos casos de *investigadores sénior*.

Os estudantes/investigadores que apresentaram as suas investigações elegeram (ou não) o objeto sobre o qual refletir, deram conta de um processo/ação a construir, fizeram apontamentos de alguns conceitos, ideias centrais, eixos de aprofundamento. No seus textos escritos, a disponibilizar após o encontro, há lugar para o aprofundamento, para o desdobramento, para o entrelaçamento das ideias e interrogações.

Procurámos encontrar, no seio das comunicações, algumas linhas que permitissem compreender as principais tendências, de modo a podermos caracterizar este campo de conhecimento e, sobretudo de apontar e dissertar acerca dos perigos que cerceiam as práticas de investigação em educação artística, alguns evidenciados pelos autores, outros emergentes nas discussões e, outros ainda, mantidos nos reces-

*mas hoje não sei
já não sei se nos
devemos levar
para onde o rio nos leva*

sos das evidências. Utilizámos para tanto, além da apresentação, também a análise do texto escrito para o livro de atas. Esse livro, na fase de redação do presente capítulo, encontra-se ainda em edição e destina-se a uma publicação *online*.

Vindos de geografias distintas e debruçando-se sobre experiências ocorridas em territórios distantes, a maioria entre o litoral norte e centro/sul de Portugal (7), mas também em Moçambique (2) e no Brasil (3), são diversos os contextos e objetos de estudo: do trabalho na escola, com o ensino básico, secundário e superior; do processo educativo dos professores, dos artistas, das comunidades. Também diversas são as áreas artísticas, abrangendo as artes visuais, a literatura, as artes performativas, a música, a arquitetura. Uns procurando repensar as suas práticas profissionais e outros descentrando-se e refletindo sobre contextos e processos que lhes são mais distantes, outros ainda mergulhando sobretudo no mundo das ideias e das práticas discursivas. Procurando todos que a investigação seja um suporte para uma transformação interna, com eventuais repercussões mais alargadas.

As comunicações mais centradas nos contextos de educação formal – rompendo o formal dentro do formal

- O desenho como gesto performativo, numa escola onde ainda domina o fazer e o reproduzir
- A cooperação na formação de profissionais do teatro
- Processos participativos e comunitários na formação a distância
- Educação estética – Denúncias ao neoliberalismo em instituições do ensino superior
- Aprendizagem e performance participativa no Ensino Superior
- O ensino do trombone como prática de emancipação
- A aprendizagem baseada no vídeo e na literatura, num curso de psicologia

*às vezes confundimo-
-nos julgando que o rio
somos nós*

*que nos leva para onde
é suposto*

*e que as margens as
fazemos nós também*

*frouxos de não as con-
-seguirmos transbordar
ganhando um novo leito*

*mas não tem de ser
assim, pois não?*

*nem sequer tem mal
inverter o sentido das
águas*

*sobretudo quando nas
bordas do mar este nos
entra*

*ou quando na dobra da
lua damos a volta*

O não formal a conter o formal? Uma reflexão interpretativa e inter-relativa

- Educação intercultural em contextos comunitários
- Práticas performativas de artistas educadores
- O lugar da experiência do livro na mediação educativa e na reflexão epistemológica
- Tradução, mediação, aprendizagem
- Cultura visual – práticas de reprodução de estereótipos de identidade nacional

As temáticas apontam para uma série de perigos que espreitam a nossa sociedade e que, de um modo global, podemos resumir aos *perigos de ser*, ou de não conseguirmos deixar de produzir sociedades onde os alunos, os consumidores, os cidadãos não passam de seres massificados, inestéticos, sem lugar para aprendizagens efetivas ou aprendizagens reais (Atkinson, 2012, 2015), e onde não é possível contribuir para formas mais democráticas e artísticas de vida. O perigo de educação artística seria o de deixar, de uma vez por todas, de se religar à defesa de uma liberdade.

De um modo geral, o perigo que espreita na escrita dos textos parte da própria escrita – um certo medo desse gesto enorme, um certo desejo de se deixar cair no abismo incerto da linguagem. São apontados alguns perigos de modo consciente, outros aparecem por interpretação nossa, tais como os riscos de *não ser*: original, erudito, claro, interplataneado, ousado.

A heterogeneidade continua a ser um traço, quando percebemos as áreas disciplinares a que recorrem e se inscrevem, ora filiando-se ora integrando múltiplos referenciais da filosofia, da história, da sociologia, dos estudos políticos, da pedagogia, do currículo, da formação de professores, da didática das artes, da psicologia da arte. Poucos são os investigadores de educação artística *strictu sensu* a ser citados, destacando-se Fernando Hernández e John Baldacchino, um apontador de que a proximidade física, uma vez que se trata de autores que vêm de amiúde a Portugal, pode constituir uma forma de referencialidade. São inúmeros e vastos os autores de referência nas diferentes abordagens. Ora se escolhem autores de larga circulação, como Giorgio Agamben, Jacques Derrida ou Gilles Deleuze, ora se procede a uma fundamentação psicológica e pedagógica, usando por exemplo Dewey e Vygostky, ora ainda se recorre a uma mescla de autores de áreas distintas. Introduz-se aqui uma primeira leitura dos perigos em educação artística: estaremos a constituir um campo de conhecimentos suficientemente sólido para que as linhas teóricas sejam autosustentadas?

*e o rio em frente es-
pera-nos*

*e não podemos ficar
de fora parados*

*e também não tem
mal se depois*

*de entrarmos perce-
bermos que temos de
sair de novo*

Plurais os paradigmas e as metodologias, com domínio dos paradigmas interpretativo e crítico e de metodologias qualitativas, algumas transversais a outros campos do saber, como o estudo de caso, a etnografia e a investigação-ação, outras ganhando especificidade no campo, como as práticas de investigação baseadas nas artes e as práticas artísticas de investigação.

Estaremos a produzir trabalhos com uma consentaneidade epistémica? Hernández, consentâneo com a investigação que tem vindo a realizar (Hernández, 2008), na conferência de abertura chamava a atenção para o facto de as investigações serem, o mais das vezes, incongruentes no engendramento da tese como um só corpo teórico, metodológico e empírico. Esse não será um dos perigos do nosso elogio à heterogeneidade? Como encarar esta evidência com maturidade académica?

As discussões

Tal como os responsáveis pelas apresentações, também os 12 responsáveis pelas discussões provinham, na sua maioria) do contingente docente envolvido no Doutoramento em Educação Artística (7), divididos pela Universidade de Lisboa (5) e do Porto (2). Foram ainda aceites convites para discussões fora deste círculo, permitindo que o debate se estendesse até um professor da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa e uma professora da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, ambos envolvidos nos Mestrados em Educação Artística das suas respetivas instituições. Contámos também com a presença de uma investigadora aposentada da Universidade de Lisboa e de uma investigadora da Universidade Aberta e da Universidade de Aveiro, que é atualmente a presidente do InSEA – *International Society of Education Through Art*. Devido à especificidade temática, envolveu-se também um docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, responsável pelo Mestrado de Educação em Ensino Musical.

Os comentários e debates foram também eles plurais, revelando tendências distintas dos docentes e, eventualmente, distâncias entre sensibilidades e escolas. Nos comentadores, o caminho de se colocarem num lugar de entender o outro, o seu percurso, mas também e talvez sobretudo, de problematizarem e de projetarem as convicções que os habitam, os desconfortos, as insubmissões que são as suas. Olhamos dos pontos onde nos colocamos, dos contextos que nos condicionam, dos valores que nos movem. E do confronto e do diálogo emergem possibilidades, que aparentam às vezes serem impossibilidades, possibilidades de algo que ainda não sabemos. Por ser o que não sabemos o que nos move.

As questões eram muitas, entre elas destacamos algumas, talvez como mais recorrentes, na demanda de foco, de estrutura, de direção :

- Onde está a educação? Onde está a arte? Onde está a educação artística? Onde está o problema a investigar? Com quem dialogas na nossa contemporaneidade? A tese é um manifesto? O que

aconteceu e que ainda não escutámos e não queremos ouvir?

Emergem sobretudo clivagens e tensões a aprofundar:

- Entre o interno/externo; o eu/o outro; as práticas hegemónicas e normativas de poder visível e invisível /as práticas heterogêneas e emancipatórias; o solipsismo/a responsabilidade social; o estético-artístico-poético/o crítico-político; as práticas impostas e idealizadas/as práticas enraizadas na história; a subjetivação/dessubjetivação; o discurso crítico de resistência /as práticas de resistência que quebram o discurso; o bem-estar/o desconforto

É mesmo preciso pôr em causa os lugares comuns, os que já são de todos, os que ainda só são de alguns. Perscrutar, tudo. Tudo escrutinar e repensar.

O que é isso de ter uma visão crítica da dimensão política do que se faz? O que é isso de empoderar? Em proveito de que poder nos empoderamos? De nós próprios? O que nos imaginamos ser afinal? Ao serviço de algo maior, mas maior em que sentido? Estaremos preparados para discriminar e escolher aquilo que será o poder ao qual estamos ligados e que queremos expandir? Que bem, e como saber se é mesmo um bem? O que nos atrasa será um bem? Por não podermos ir mais depressa, por precisarmos ir mais devagar, será um bem? Mas precisaremos ir mais devagar ou mais depressa? E o que dizer da responsabilidade social da investigação que fazemos, que alguns assumem explicitamente, que outros implicitamente ou explicitamente negam?

Não é possível *a priori* responder. A resposta está em cada momento e pode variar no momento seguinte.

Nos discursos identificámos algumas convergências de conceitos e questões, tendências, claro que não consensuais. Ideias como participação, implicação, cooperação, deslocamento, poder contra-instituinte, imaginário, performatividade, não instrumentalização das artes. Assinalamos a dimensão implicada e participativa em que o outro não é objeto, carecendo o processo de descentramento; a importância da relação e de fazer dela o centro do processo, relação viva com todas as coisas humanas e não humanas, atentos aos encontros, procurando as ressonâncias, as conexões, mesmo que com as desconexões e os desajustes, mesmo que pelos dissensos.

Nos diálogos, as fragilidades foram sendo assumidas e desdobradas – a importância do desconforto, de não saber por onde se vai nem onde se vai chegar, a autenticidade de se colocar onde mais dói. Entre o erro e a errância, entre perigos de reprodução e reificação do humano, aceita-se trabalhar com as próprias dificuldades, histórias, perturbações.

Temos um trabalho árduo pela frente. Construir uma tese não será um mero diletar mais ou menos solto sobre uns quantos conceitos – ou pode ser? – nem apenas uma escrita à procura de si própria. Será

uma parte, mas temos de ter consciência, e muitos a têm, ou começam a perceber, o duro que vai ser/está a ser. O processo carece de materialização e esta exigência é a de todo o processo criativo, onde temos de estar preparados para nos deixar morrer – algo em cada momento precisa de morrer – para nascermos de novo, em cada momento. Estaremos preparados, dispostos a isso? A parte de nós que resiste e quer sobreviver apoia-se na bóia que é o outro, e assim é preciso. Criamos uma corrente-rede de bóias – o que estamos a fazer juntos.

Contemos em nós a pluralidade, a heterogeneidade. Contemos em nós a assunção da fragilidade e da contradição. O conforto no desconforto – pois o que seria mesmo completamente desconfortável era querermos ser o que não somos, era querermos a verdade, última certeza, o caminho pré-determinado.

Encontramo-nos algures, nos espaços vazios, nos silêncios, nos assombros. Mas temos de ter a perceção da nossa cegueira, da nossa surdez. Todos nós somos cegos e surdos nestes encontros e nem sempre damos conta disso. O que parece que será interessante para nós próprios manter é a interrogação sobre o que ainda não escutámos naquilo que ouvimos, dissemos e não dissemos. A inquietação pelo peso da responsabilidade – das universidades construir conhecimento com todos os que se implicam na sua construção; de levarmos a bom porto os nossos projetos; de interrogarmos os sistemas onde nos inserimos; da investigação ter também uma responsabilidade social de transformação.

Reflexão final – uma comunidade de investigação em construção

*porque o que interessa mesmo é o rio
que por cima de todos se forma feito de névoa
onde se condensa uma síntese feita de riso
juntando as gargalhadas de cada cambalhota dentro
de água
de cada embate
de cada novo calhau desprendido*

*(como esta poesia
um riso num novo rio)*

Dispomos verdadeiramente de linhas de investigação e de vias metodológicas de investigação em educação artística? Temos predominância de uns paradigmas sobre outros? Não existe o perigo de cisão, uns em prol do 'artístico', outros em prol do 'científico'? E o perigo de sobreposição não consciencializada de correntes de pensamento dissemelhantes? Como conciliar a tensão entre heterogeneidade e o movimento de convergência, numa construção dialógica e que queremos conjunta? Como pode cada, depois da escuta e do confronto, seguir sendo na sua singularidade?

Aprender a liberdade. Aprender que no nosso caminho somos nós que temos de decidir o nosso sentido. A projeção do outro sobre nós é uma questão dele, que reverbera ou não em nós. Compete-nos sentir e decidir se queremos manter essa ligação, para onde nos leva, o que nos quer.

Em arte também é esse sentido de liberdade que nos é exigido que aprendamos. Essa capacidade de dizer não, ou sim, depois de agradecer o esforço de nos quererem levar para um lugar de estarmos juntos. Estaremos juntos, mas se formos capazes de acomodar a diferença, a diversidade, a divergência. Seremos juntos se formos capazes de ser um círculo que se expande tanto mais quanto os seus pontos à periferia expandirem as linhas da circunferência e ampliarem os raios que os ligam ao centro. Seremos juntos se percebermos o que ao centro nos junta.

O que nos junta ao centro? A liberdade de sermos vivos à procura de sermos cada vez mais vivos por mais despertados, mais conscientes, mais potentes na nossa capacidade de criarmos juntos. Orquestrados por um ideal de fazermos uma sociedade mais viva, mais leve, mais livre. Seremos comunidade se comungarmos de alguma coisa e ao mesmo tempo aceitarmos o desconforto da diferença e da interpelação. Um lugar onde queremos estar, com o corpo, com o afeto, com

*um rio que nos repete
sem que se veja*

*ao mesmo tempo
que se desprende*

formando-se novo

*embora muito mais
antigo*

*desse sim não podemos
sair fora*

*e esse sim tem de
estar sempre a caminho*

do mar

ao qual vai chegar

ao qual já chegou

*se não seria
qualquer outra coisa*

*ao qual está sempre
a chegar*

*e chegar esse a um
novo mar*

que repete o anterior

e repete o anterior

e repete

sem nunca se repetir

*porque se está sempre
a recriar**

a mente, com a alma. Mesmo que seja junto aos abismos, onde os limites do conhecimento se expandem.

O que é ou queremos que seja? Será tornar mais nítido e visível o que está obscuro? Será não excluir, mas criar com a luz e a sombra algo que deixa de ser um novelo caótico e imperscrutável, algo absolutamente impenetrável. Penetrar com a lucidez de quem não se deixa iludir e quer ver para além da aparência. O que se esconde por detrás da aparência? Não se prender na aparência, transpô-la e perceber algo que nela se revela. O mais importante é-nos invisível. Mas não se atentarmos, focando e desfocando a atenção ao mesmo tempo. Sabendo que o nosso olhar será sempre uma aproximação, uma construção com outros, presentes mesmo que ausentes, e que nos leva ao diálogo, de interrogação em interrogação.

Seremos alguns dos que têm a coragem de ir a contracorrente e sempre na incerteza de algo estar a ser produzido enquanto vamos, sendo mesmo o mais importante irmos e em cada momento nos encontrarmos, mesmo quando mais ninguém nos encontra?

Seremos daqueles que assumem o risco de se manterem nas margens mais periféricas da corrente mas também por isso mais próximos do centro de algo que sabemos ser, sem sabermos o que é?

Porque queremos então à viva força ser no centro da corrente, lutando por um lugar que não nos cabe por não ser o nosso? Porquê viver este paradoxo de querermos o que não queremos verdadeiramente, por ser contrário ao que somos?

Movimentos contrários que se orquestram, e dos quais o risco de uma cacofonia, mas também a possibilidade de uma outra coisa que desconhecemos e para a qual ainda não inventámos o nome?

Confiarmos nisso, no encontro, no diálogo, na relação que nasce dos contrários, dos contrastes, das repetições. Se confiarmos e nos mantivermos juntos talvez nasça, para além de nós, conosco vivos, parte nós dela, uma comunidade, desenho feito na areia, vivido enquanto se faz, com marcas que perduram enquanto alguém fizer algo a partir dele, já outra coisa, a transformar-se continuamente.

Referências bibliográficas

Atkinson, D. (2012). Contemporary art and art education: the new, emancipation and truth. *IJADE*, 31, 1, pp. 5-18.

Atkinson, D. (2015). The adventure of pedagogy, learning and the not-known. *Subjectivity*, 8, 1, pp. 43-56.

Baldacchino, J. (2015). Art +- Education: The paradox of the ventriloquist's soliloquy. *Sisyphus*, 3(1), pp. 62-79. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/sisyphus/article/view/7719/5405>

Hernández, F. (2008). La investigación basada en las artes. Propuestas para repensar la investigación en educación. *Educatio Siglo XX*,

26, pp. 85-118. Disponível em: <http://revistas.um.es/educatio/article/view/46641>

Nietzsche, F. (2000). *A gaia ciência*. Lisboa: Guimarães Editores.

Viana, A. (2011). Hoje não sei se. In A. Viana, *A face oculta do vento* (pp. 103-105). Lisboa: Índícios de Ouro.